

ACOLHIDA À MULHER EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE

*Ir. Terezinha Mezzalira, mscs**

1. Contextualização

A Casa do Migrante foi inaugurada no dia 20 de junho de 2008 e está localizada próxima à Ponte da Amizade, em Foz do Iguaçu/Pr. A mesma é fruto de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, o Consulado Brasileiro de Ciudad del Leste/Py e o Ministério do Trabalho e Emprego, por meio do Conselho Nacional de Imigração. Foi criada como centro de referência para brasileiros residentes na região da tríplice fronteira, bem como para imigrantes residentes no Brasil. A partir de agosto de 2009, com o aumento do número de mulheres em situação de vulnerabilidade, que buscavam ajuda para resolver suas necessidades, sentiu-se a necessidade de um serviço especializado para as mesmas. Por esta razão passou a fazer parte da equipe de trabalho, uma pessoa da secretaria da mulher, cujo objetivo foi o de criar políticas públicas a favor das mulheres e ter um olhar específico nas situações de tráfico e violência contra a mulher.

Foz do Iguaçu é uma cidade pensada e projetada para o turismo, com uma rede hoteleira moderna. Praticamente não possui área rural. Não há indústrias ou fábricas que absorvam a demanda laboral gerando assim um fluxo migratório contínuo.

A mobilidade humana na fronteira tem contribuído para o crescimento da população local, mas, ao mesmo tempo, deixou mulheres e crianças abandonadas, sem proteção e futuro.

* Irmã scalabriniana, licenciada em Filosofia e pós-graduada em Metodologia Pastoral. Coordenadora da Casa do Migrante em Foz do Iguaçu. Foz do Iguaçu - PR/ Brasil.

Crianças e adolescentes circulam na tríplice fronteira. Levam mercadoria, vendem objetos e emprestam seus corpos para diferentes atividades, na maioria das vezes atividades que lhes tiram a dignidade, o respeito e a vida. São meninas de idades variadas, desde oito até quinze anos, fora da escola que, segundo seus depoimentos, trabalham para sobreviver e ajudar a família. Convivem diariamente com o medo, de modo particular daqueles que deveriam protegê-las, que são os pais, pois são obrigadas a levar algo para casa, como produto do trabalho realizado, não importa a forma como é realizado ou como foi conseguido.

Os anúncios solicitando jovens para trabalhar como vendedoras, modelos, guias turísticas e outros, diariamente se encontram na internet, nos jornais da cidade e em cartazes expostos em vitrines de lojas, restaurantes ou hotéis. Esta oferta além de ser uma oportunidade de trabalho é uma resposta às mulheres que buscam uma vida diferente daquela que viveram na infância, geralmente uma vida de sofrimento e privação do mínimo necessário para satisfação de suas necessidades básicas.

As oportunidades no mercado de trabalho para a mulher são menores do que para o homem, e o salário, na maioria das vezes, é inferior. Como elas não encontram trabalho, a opção que se apresenta é o serviço de empregada doméstica, trabalhando de forma irregular, sem carteira assinada e sem os benefícios da previdência. Por se encontrar em situação de vulnerabilidade, a migrante fica enfraquecida em sua capacidade de discernir e optar e acaba aceitando a oferta que lhe é apresentada, sem torná-la conhecida a seus familiares.

A Casa do Migrante não possui espaço físico para albergamento ou alojamento, por isso realizamos um trabalho integrado com outras instituições, a fim de dar acolhida à mulher migrante que necessita, enquanto perdurar o processo de resolução da necessidade apresentada.

A finalidade da Casa do migrante é o atendimento e encaminhamento do migrante, sem distinção de nacionalidade, etnia, religião ou classe social. Para responder a este objetivo, a equipe de trabalho se orienta pela legislação federal, protocolos e acordos relacionados com o tema da migração, bem como pelos direitos humanos, documentos da Igreja e pela Palavra de Deus. Em outras palavras, se fundamenta em princípios humanos e cristãos.

Torna-se evidente que as migrações estão unindo continentes e proporcionando possibilidades sem precedente de encontro entre povos e religiões, tornando realidade as palavras do profeta Isaías: “Eu virei para reunir os povos de todas as nações e línguas” (Is 66,18).

2. População atendida

O maior número de migrantes ou imigrantes é proveniente do Paraguai e da região da Tríplice Fronteira. Os principais problemas apresentados pelos brasileiros residentes no Paraguai ou retornados do Paraguai, bem como dos paraguaios residentes em Foz do Iguaçu, estão relacionados com a falta de documentação para regularizar sua situação migratória e a deficiente ou inexistente cobertura dos serviços públicos no Paraguai, de modo particular na área da saúde.

A demanda maior se dá em relação às mulheres gestantes, que buscam fazer o pré-natal e o acompanhamento durante a gravidez no Brasil, pois os serviços são de melhor qualidade. A maioria delas é adolescente, sem família, que já conheceu o mundo das drogas e da exploração sexual.

São meninas captadas com promessa de trabalho e levadas a ambientes fechados, privadas de liberdade, exploradas e muitas vezes traficadas para trabalho escravo ou para exploração sexual. Algumas que conseguem “escapar” chegam à casa do Migrante em busca de proteção, encaminhamento de retorno para a família ou um lugar onde possam ficar com segurança. Outras foram expulsas de casa, quando os pais descobriram que estavam grávidas e há aquelas que já são mães e foram abandonadas pelo companheiro ou marido e têm a dura missão de cuidar de si e de seus filhos.

Com frequência chegam à casa do Migrante paraguaias viúvas, residindo no Brasil desde a época da ditadura e que nunca regularizaram sua situação migratória, pois a prioridade era dos homens, enquanto elas permaneciam dependentes, submissas e responsáveis de cuidar da casa e dos filhos. Hoje em sua idade avançada, sem permanência legal no Brasil, não têm acesso aos serviços básicos gratuitos e, na maioria dos casos, não contam com o apoio da família.

Para estas mulheres idosas, em situação de vulnerabilidade, a equipe que realiza o atendimento na Casa do Migrante, além da acolhida, escuta e orientação, tem a responsabilidade de encaminhá-las às instituições encarregadas e acompanhá-las para que sejam realmente atendidas e incluídas nos programas de assistência oferecidos pelo Estado.

Ao considerarmos o vasto campo da mobilidade humana, na perspectiva feminina, no espaço da tríplice fronteira, a primeira atitude da equipe que trabalha na casa do migrante deve ser a mesma atitude de Jesus, ou seja de: acolhida, compaixão, respeito e conhecimento da realidade. Ultrapassar tradições, culturas, credos, tratados e leis que

excluem e inviabilizam meios para que a pessoa “tenha vida e vida em abundância” (Jo 10,10).

O desafio é criar espaços onde o migrante possa integrar-se em uma comunidade e esta seja suporte no resgate da cidadania e da dignidade “perdida pelo caminho”. A comunidade local, a exemplo da comunidade do povo de Israel, que se tornou grande nação pela agregação de outros grupos de migrantes, em primeiro lugar deve ser um espaço de acolhida e partilha da vida, dos sonhos e dos sofrimentos para o migrante que nela vem habitar.

A partir da história de cada migrante é possível um trabalho mais eficaz e integral, bem como o resgate da cidadania e de sua dignidade. O conhecimento nos possibilita buscar os meios adequados para poder auxiliá-la e dar-lhe condições para viver com segurança e paz na nova comunidade.

O ponto de partida, a metodologia utilizada é a de criar espaço de confiança, para a escuta paciente e o respeito para com a pessoa, a fim de que ela se sinta acolhida, respeitada em sua individualidade e possa manifestar suas necessidades, e assim se encontrem saídas mediante orientação ou encaminhamento às instituições que têm a responsabilidade e os meios para responder às mesmas ou ajudá-la a reconstruir o caminho da esperança.

Embora não seja um Centro confessional – ligado a alguma religião – em nosso trabalho nos inspiramos no profetismo das mulheres do Primeiro Testamento e de Maria que, a exemplo do que foi assumido por Jesus, foi um ministério de vida, pois onde havia morte e esterilidade, abriram-se caminhos por onde se encontra a força e a coragem de viver. As profetizas não hesitam em usar seus recursos e encantos femininos para defender a causa de seu povo. Elas sabem que Javé está ao seu lado, pois elas estão a serviço da vida. Elas desafiam perigos e não estão preocupadas em garantir sua fama ou proteger sua vida. Essas mulheres são as parteiras do Egito, Tamar, Agar, Miriam, Rute, Maria e uma infinidade de mulheres migrantes e refugiadas.

Diversos livros da Bíblia registram a presença e atuação da mulher na defesa e libertação do povo. Mulheres que se opuseram ao sistema para salvar a vida, como é o caso das parteiras do Egito (Ex.1,15-22). Faraó ordenou-lhes, “Quando vocês ajudarem as hebréias a dar à luz, observem se é menino ou menina: se for menino matem; se for menina deixem viver” (Ex 1,16). Faraó lhe dá uma ordem clara e específica, sem direitos a perguntas ou esclarecimentos, colocados em uma posição pela qual parecia não ter saída. Eram mulheres hebréias, oprimidas e escravas e tinham

consciência das consequências de uma desobediência ao rei, porém, a vida falou mais alto do que a morte e juntas decidiram desobedecer às ordens do rei e assumirem com fidelidade o projeto de Deus.

3. Presença Scalabriniana

No cotidiano da Casa do Migrante, quando surgem dificuldades e desafios entre o que é estabelecido pela sociedade ou exigido por força da lei, a exemplo das parteiras deve-se escolher a vida, porque esta é a vontade de Deus. Normalmente as instituições públicas têm em vista interesses políticos, por isso priorizam a quantidade dos atendimentos e não a qualidade do serviço prestado à pessoa. É nossa missão priorizar a pessoa, acima de outros interesses, pois não se trata apenas de uma questão humanitária, mas acima de tudo é uma atitude cristã.

Diariamente chegam ou são trazidas mulheres pelas instituições que deveriam estar protegendo-as, meninas e adolescentes, jovens e até adultas, que segundo a visão e o entendimento humano deveriam ser excluídas do meio social por suas atitudes e pelo trabalho que realizam. Porém, olhando em outra direção e com os olhos fixos nas atitudes de Jesus para com os pobres e marginalizados, tendo em nossa frente uma pessoa humana, muitas vezes desfigurada pelo sofrimento e pela humilhação, é impossível não acolhê-la no lugar em que se encontra e ajudá-la a erguer-se e continuar o caminho com esperança e dignidade.

Atualmente a mulher continua sendo excluída, especialmente se for pobre, mãe solteira, grávida e estrangeira. Para o mercado de trabalho ela não preenche os requisitos exigidos por lei, aos serviços básicos não tem acesso por ser estrangeira ou não apresentar a documentação exigida, para a sociedade é um problema e para o Estado, o melhor é encaminhá-la de volta ao seu país. Mas, como Maria, ela vai à luta e encontra estratégias inteligentes para garantir seus direitos e de seus filhos, quando estes a acompanham. Esconder-se das autoridades encarregadas de regularizar sua situação migratória, a fim de não ser deportada e aguardar até o nascimento do filho é uma das muitas estratégias usadas pela mulher estrangeira e grávida, pois o filho lhe dá a garantia de permanecer em território brasileiro e a esperança de melhores condições de vida.

Para esta população, os escritos de Scalabrini nos ensinam que o verdadeiro critério para escolha preferencial de um grupo de migrantes a merecer nossos cuidados é o fato de este grupo estar desprotegido ou desamparado. Por isso este critério também é assumido por nós, no serviço diário, como resposta pastoral na perspectiva scalabriniana. Sem deixar

de atender a todos os que chegam, priorizamos o atendimento à mulher migrante em situação de vulnerabilidade.

O que chama atenção e nos sensibiliza é perceber que estas mulheres com características distintas, provenientes de diferentes culturas, classe social, meio rural ou urbano, têm algo em comum: uma força interior que as impulsiona e as faz lutar para alcançar seus objetivos. Às vezes utilizando estratégias ou mecanismos ilícitos, a fim de defender a vida de seus filhos e de sua família.

A acolhida é uma virtude evangélica e, para mim como Missionária Scalabriniana, é e deve ser uma atitude que perpassa toda relação de escuta e serviço para com aqueles que chegam à Casa do Migrante, de modo especial, para as mulheres vítimas da violência, do abandono e da solidão.

O cuidado e a ternura, valores humanos e cristãos ao mesmo tempo, são fundamentais na pastoral. A pessoa em situação de vulnerabilidade carece destes valores e é nossa missão dar-lhe suporte para que não desanime no caminho. É isto que procuro cada dia viver para que também eu possa 'imitar' Jesus, como o evangelho no-lo apresenta, se faz próximo daqueles que são excluídos da família, da sociedade, do culto e, dentre estes de modo especial as mulheres e os estrangeiros. É o próprio Jesus que nos diz: "Era migrante e me acolhestes" (Mt 25, 35).